

O exercício da função paterna no ambiente das escolas infantis: uma avaliação a partir da Metodologia IRDI



Introdução

A importância de um cuidado adequado durante os primeiros anos de vida para o desenvolvimento psíquico infantil é amplamente reconhecida. Em nossa conjuntura atual, deve-se considerar que o ambiente das escolas infantis e as educadoras que trabalham nessas desempenham funções essenciais na constituição psíquica das crianças. Todavia, os estudos que lidam com esse tema a partir do referencial psicanalítico, aqui empregado, ainda são poucos e a discussão sobre os efeitos da passagem pelas escolas infantis na formação subjetiva desses bebês ainda é recente (Mariotto, 2009).

O exercício da função paterna figura entre os fatores importantes para essa constituição psíquica. No entendimento psicanalítico, essa função não necessariamente é exercida pelo pai, ou mesmo por um homem, do mesmo modo que a função materna não é necessariamente exercida pela mãe, mas sim por aquele que provê o bebê dos cuidados básicos necessários para sua sobrevivência, tanto fisiológicos quanto psíquicos, ou seja, incluindo aí o próprio desejo pelo bebê, o carinho e o afeto. Enquanto isso, a função paterna é responsável pelo corte que possibilita a separação entre o bebê e o Outro materno. É o exercício dela que permite que a criança deixe a posição de objeto desse Outro e possa assumir a posição de sujeito desejante, instaurando a problemática edípica.

Ao abordar o cuidado nas creches pelas educadoras, Mariotto (2009) sugere que esse faria uma função no desenvolvimento psíquico das crianças atuando mais pela função paterna do que pela função materna, colocando em questão um senso comum que, por vezes, iguala a função dessas educadoras a de mães substitutas. Em contrapartida, o que ocorreria nesses ambientes seria o que a autora nomeia de "paternagem" do cuidado. Assim, as educadoras ocupariam a importante posição de terceiro em relação a díade mãe-bebê, atuando no sentido de possibilitar o corte necessário à constituição do sujeito. Partindo desse conceito, e fazendo o uso do Instrumento IRDI, levantamos a hipótese de que, se essa "paternagem" realmente se verifica, os indicadores do instrumento de avaliação referentes ao exercício da função paterna apareceriam de maneira mais incisiva nos bebês avaliados nas creches.

O IRDI

O Instrumento IRDI (Indicadores clínicos de Risco para o Desenvolvimento Infantil) foi elaborado levando em consideração quatro operações fundamentais para a constituição psíquica do sujeito: estabelecimento da demanda, suposição do sujeito, alternância presença/ausência e função paterna (Kupfer, et al, 2012). Assim, a Função Paterna aparece como um dos quatro eixos avaliados pelo protocolo, sendo seu exercício representado por 11 dos 31 indicadores do instrumento. Dez desses onze, os que vão do número 23 ao 31, tem dos 12 aos 18 meses como idade estimada de aparecimento. Porém, o IRDI foi inicialmente desenvolvido para a consideração da relação mãe-bebê, e não daquela entre as crianças e as educadoras. Assim, o tema de nosso interesse é a diferença entre os papéis exercidos pela mãe e pelas educadoras, sob a ótica da função paterna – ou seja, considerando que essa se encontra operante mais cedo na relação das crianças com suas cuidadoras do que com suas mães.

O presente estudo faz parte do projeto "O impacto da Metodologia IRDI na prevenção de risco psíquico em crianças que frequentam creche no seu primeiro ano e meio de vida" (Ferrari, et al, 2013). A pesquisa buscou, durante 2014, estudar a potencialidade da Metodologia na prevenção de riscos psíquicos em crianças que frequentam creche. Para isso, foi feito o acompanhamento de 87 crianças em oito creches, municipais e conveniadas, na cidade de Porto Alegre. Durante a pesquisa, foram utilizadas várias formas de coleta de dados, incluindo avaliações iniciais com o uso do protocolo IRDI em todas as crianças participantes. Neste estudo, analisamos as avaliações feitas com bebês de até 9 meses, contendo nossa amostra final 19 crianças de 3 diferentes creches, com o objetivo de apontar quais indicadores do eixo Função Paterna formalmente esperados a partir dos 12 meses aparecem precocemente na relação entre elas e suas educadoras.

A Função Paterna nos IRDI

Os IRDI que compõem o eixo Função Paterna e que são esperados a partir de os doze meses são:

23. A professora alterna momentos coletivos com momentos de dedicação exclusiva à criança.
24. A criança suporta bem as breves ausências da professora e reage às ausências prolongadas.
- 25a. A criança interessa-se pelo corpo da professora.
- 25b. A professora oferece brinquedos como alternativa para o interesse da criança sobre seu corpo.
26. A professora já não se sente mais obrigada a satisfazer tudo que a criança pede.
27. A criança olha com curiosidade para o que interessa à professora.
28. A criança gosta de brincar com objetos usados pela professora.
29. A professora começa a pedir à criança que nomeie o que deseja, não se contentando apenas com gestos.
30. A professora coloca pequenas regras de comportamento para a criança.
31. A criança diferencia objetos próprios dos da professora.

Hipótese e problemas de pesquisa

Partindo da hipótese da "paternagem" do cuidado nas escolas infantis, que indicaria essas como um lugar de forte operação da função paterna, figurando ela de maneira mais clara e predominante na relação entre os bebês e suas educadoras do que a dos bebês e suas mães, ponderamos como verificá-la a partir do IRDI. Considerando que o instrumento foi inicialmente desenvolvido para a avaliação da relação mãe-bebê, nos questionamos se, ao aplicá-lo no contexto da creche, os indicadores referentes ao eixo Função Paterna apareceriam precocemente em relação à sua faixa etária esperada.

Metodologia

Foram usadas avaliações realizadas a partir da aplicação do Protocolo IRDI. Os indicadores, a partir da observação feita, foram preenchidos como Presente, Ausente ou Não Observado, sendo esta última categoria reservada a indicadores que não houveram oportunidades de se mostrar como ausentes ou presentes no curso da observação.

Participantes

Considerando-se que buscamos detectar a presença precoce de indicadores esperados a partir dos 12 meses, e baseados nos dados disponíveis, definimos uma data de corte de 9 meses. Participaram, então, do estudo, 19 crianças de até 9 meses e de 3 diferentes creches de Porto Alegre.

Leonardo Veiga Guarnieri¹
Andrea Ferrari²

¹Autor, Psicologia UFRGS.

²Orientadora, Psicologia UFRGS.

| Escola | Idade | I-23 | I-24 | I-25a | I-25b | I-26 | I-27 | I-28 | I-29 | I-30 | I-31 |
|----------|---------|------|------|-------|-------|------|------|------|------|------|------|
| Creche A | 3 meses | | | | | | | | | | |
| Creche A | 6 meses | | | | | | | | | | |
| Creche A | 4 meses | | | | | | | | | | |
| Creche A | 8 meses | | | | | | | | | | |
| Creche A | 9 meses | | | | | | | | | | |
| Creche A | 3 meses | | | | | | | | | | |
| Creche B | 7 meses | | | | | | | | | | |
| Creche B | 8 meses | | | | | | | | | | |
| Creche B | 8 meses | | | | | | | | | | |
| Creche B | 6 meses | | | | | | | | | | |
| Creche B | 8 meses | | | | | | | | | | |
| Creche B | 5 meses | | | | | | | | | | |
| Creche B | 6 meses | | | | | | | | | | |
| Creche B | 8 meses | | | | | | | | | | |
| Creche B | 9 meses | | | | | | | | | | |
| Creche C | 9 meses | | | | | | | | | | |
| Creche C | 7 meses | | | | | | | | | | |
| Creche C | 9 meses | | | | | | | | | | |
| Creche C | 9 meses | | | | | | | | | | |

Legenda

| | |
|--|--------------------------------|
| | Presente |
| | Ausente |
| | Não se aplica ou não observado |

Resultados

Dos dez indicadores considerados, apenas três não estiveram presente precocemente em nenhuma das crianças. O indicador 23 esteve presente na maioria, em 11 das 19, enquanto os indicadores 24, 25a e 26 estiveram presentes em de 30% a 50% das crianças. Cabe-se ressaltar que, comparativamente com as situações onde tal indicador não houve chance de ser observado, as marcações de "ausente" apareceram em menor frequência, chegando no máximo a quatro marcações, no que cabe ao indicador 29.

Discussão

A partir dos resultados, alguns pontos de discussão surgiram. Por exemplo, o efeito e a função que esse cuidado, com seu caráter de "paternagem", têm no desenvolvimento psíquico dos bebês. A partir disso, desdobra-se a própria questão da formação e da instrumentalização das educadoras para exercício desse papel. Também, por fim, é importante sempre refletir sobre nosso próprio método, portanto, nos questionamos sobre o uso adequado do IRDI no ambiente das creches.

Se esse cuidado dispensado pelas educadoras aos bebês age mais intensamente pela via da função paterna, há que se pensar nas consequências disso em nossa configuração social atual, onde é comum que bebês passem boa parte de seu dia nas creches, tendo um contato bastante reduzido com seus familiares e, consequentemente, cuidadores primários. Saliendo-se a importância de ambas as funções maternas e paternas para o desenvolvimento psíquico (Mariotto, 2008), como ficaria aí o exercício da função materna? Indispensável, por responder a um desejo pela criança e por dispensar as marcas primordiais no corpo dessa, bem como as primeiras significações, o Outro materno pode acabar enfraquecido para esses bebês, representando também um risco para o desenvolvimento futuro. Não se trata de esperar que as educadoras consigam ocupar esse lugar de mãe, tarefa, de fato, impossível, mas sim de pensar nos efeitos dessa situação que nos parece estar colocada.

Se a substituição da mãe pela educadora é impossível, deve-se ao fato que o cuidado dispensado pelas duas é diferente. No caso das educadoras, esse é balizado por uma relação profissional que ela tem dentro da creche, não só com o ambiente, mas também com os bebês e os familiares desses. Tal diferença é apontada pelos próprios resultados que levantamos, apontando para um exercício mais incisivo da função paterna nas creches. Sendo assim, é indispensável que, além da disposição psíquica necessária para este trabalho bastante desafiador de se ocupar dos bebês em períodos tão cruciais para seu desenvolvimento, se aposte em uma formação que, de fato, venha a preparar as educadoras para esse fazer, muitas vezes relegado ao senso comum, como sendo o de uma mãe substituta.

Por fim, se no Eixo Função Paterna dos IRDI verificamos essa diferença, que nos parece, apesar do tamanho reduzido da amostra, significativa, nos questionamos se não há alterações nos resultados dos outros indicadores. Sendo assim, pensamos se uma adaptação mais a fundo do Instrumento, levando em consideração os diferentes papéis exercidos pela mãe e pela educadora na constituição psíquica dos bebês, não seria necessária para uma maior adequação desse ao contexto das creches e escolas infantis.

Referências

Ferrari, A., Silva, M. & Cardoso, J. Projeto de Pesquisa: O impacto da Metodologia IRDI na prevenção de risco psíquico em crianças que frequentam creche no seu primeiro ano de vida. Julho de 2013.

Kupfer, M. C., Bernardino, L. M., Mariotto, R. M. (2012). *Psicanálise e ações de prevenção na primeira infância*. São Paulo: Escuta.

Mariotto, R. M. (2009). *Cuidar, educar e prevenir: as funções da creche na subjetivação de bebês*. São Paulo: Escuta.